

QUATRO OLHOS SOBRE AMERICANAH: A PARTIR DE ONDE O TEXTO DE ADICHIE FALA E PARA QUEM?

FOUR EYER ONTO AMERICANAH: WHERE DOES ADICHIE'S TEXT SPEAKS FROM AND TO WHOM?

*Liane Schneider*¹

*Eliza de Souza Silva Araújo*²

RESUMO: O presente artigo discute as práticas tradutórias através da análise do romance *Americanah*, de Chimamanda N. Adichie, levando em conta sua tradução do inglês para o português. A narrativa em tela aponta estranhamentos por parte da protagonista do romance, Ifemelu, no que diz respeito a, principalmente, compreensões sobre raça e gênero nos dois países implicados, ou seja, Nigéria e Estados Unidos, e como os mesmos aparecem transpostos nas duas línguas em questão. Assim, ao longo do trabalho, foram destacados exemplos e opções tradutórias na versão em português da narrativa que ilustram como tais escolhas inegavelmente explicitam marcas das diferenças culturais envolvidas no que se refere a visões de mundo, ideologias, padrões de construção de identidade nas culturas de partida e de chegada. Com base em discussões desenvolvidas por teóricos/as da tradução, da cultura e da adaptação, entre os quais destacamos Venuti, Chamberlain e Hutcheon, apresentamos nossas considerações sobre como questões raciais e de gênero se mostram carregadas de elementos que ultrapassam aspectos linguísticos, sugerindo que paradigmas e ideologias podem ser mais determinantes para as escolhas do/a tradutor/a do que o arsenal de termos (quase) equivalentes em duas línguas colocadas em diálogo através da tradução efetuada.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução. Chimamanda Adichie. *Americanah*. Raça. Gênero.

ABSTRACT: This article discusses the translating practices through an analysis of the novel *Americanah*, by Chimamanda N. Adichie, focusing on the translation of this work from English to Portuguese. The narrative we deal with signals estrangements on the part of the

¹ Professora da Universidade Federal da Paraíba e pesquisadora UFPB/CNPq-PQ2.

² Aluna do mestrado no programa de Pós Graduação em Letras (PPGL/UFPB).

protagonist of the novel, Ifemelu, mainly in relation to notions of race and gender in the two countries entailed: Nigeria and The United States. We discuss how these estrangements are translated into the aforementioned languages. Therefore, throughout this analysis, examples have been selected and the choices of words for the translation into Portuguese illustrate how such choices revolve around world views, ideologies, patterns of construction of identity both in the national and international cultures. Owing to the arguments developed by theoreticians in the translation field, as well as in the fields of culture and adaptation, amongst which we highlight Venuti, Chamberlain and Hutcheon, we present our considerations about how questions of race and gender are charged with elements that surpass the linguistic aspects, suggesting that paradigms and ideologies can be more determinant to the choices the translator makes than the illustration of terms (almost) equivalent in the dialogizing languages which operate in the translation carried out.

KEYWORDS: Translation. Chimamanda Adichie. Americanah. Race. Gender.

QUATRO OLHOS SOBRE AMERICANAH: A PARTIR DE ONDE O TEXTO DE ADICHIE FALA E PARA QUEM?

PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

Neste trabalho analisaremos alguns aspectos da tradução do mais recente romance de Chimamanda Ngozi Adichie³, intitulado *Americanah*, tanto em inglês (2013) quanto em português (2014). Trata-se do terceiro romance da autora, em que temas como a diáspora de sujeitos africanos e a temática da raça e do gênero estão no centro da narrativa. O romance conta a história de duas personagens centrais, Ifemelu e Obinze, que enxergam no estrangeiro uma possibilidade de se desconectar da sua cultura natal, e de avançar acadêmica, profissional e culturalmente. No caso de Ifemelu, o que a impulsiona a ir estudar nos Estados Unidos é a bolsa que consegue para continuar seus estudos na Universidade de Princeton e a oportunidade de viver com sua tia, Tia Uju, que já havia deixado a Nigéria em busca de novas oportunidades. Já Obinze, que sempre sonhara com uma vida nos Estados Unidos, acaba migrando temporariamente para Londres. Sua mãe, professora universitária na Nigéria, é convidada para participar de uma conferência acadêmica na Inglaterra, o registra como seu assistente de pesquisa na papelada de pedido de vistos e assim ele consegue entrar no país, onde passa a residir por três anos.

O romance é escrito em terceira pessoa por um narrador onisciente. Arnaldo Franco Junior (2009) nos lembra que o narrador “é uma categoria fixa de personagem, e não deve, portanto, ser confundido com o autor do texto” (p.40). A voz que nos fala em *Americanah* pode ser classificada como uma voz **heterodiegética**, porque se trata de uma voz que não

³ Escritora nigeriana contemporânea vastamente traduzida e conhecida por suas palestras nas conferências TED. É também autora dos romances *Meio sol amarelo* (2008) e *Hibisco Roxo* (2011), publicados no Brasil pela Companhia das Letras.

participa em momento algum da história: a voz nos narra apenas a vida das personagens, logo, narra em terceira pessoa e também pode ser classificada como **extradiegética**, ou seja, fora da diegese, já que essa voz não pertence a uma personagem que participa de alguma forma do enredo; assim, temos uma visão externa sobre os atos narrados. Através dessas classificações, podemos entender melhor que tipo de foco a voz narrativa do romance pratica. “O *foco narrativo* é um recurso utilizado pelo narrador para *enquadrar* a história de um determinado *ângulo* ou *ponto de vista*” (idem, p. 42, grifos do autor). Os dois ângulos que temos em *Americanah*, então, são aqueles posicionados na visão das personagens imigrantes centrais na história: Ifemelu e Obinze.

Ao ler o romance, aprendemos sobre o passado mais próximo, e o mais longínquo de Ifemelu, bem como o de Obinze. O foco narrativo varia, nos mostrando por vezes a perspectiva de Ifemelu sobre o mundo, e em outros momentos, a de Obinze. A cena mais explorada do romance é uma no salão de tranças Africanas em Princeton, onde Ifemelu trança os cabelos e se lembra de diversos eventos da sua vida, além de refletir sobre a recente escolha de retornar à Nigéria. Obinze é deportado de volta para o seu país. Enquanto reside nos EUA, Ifemelu escreve um blog onde registra suas percepções, questões e críticas culturais acerca das temáticas de raça, gênero e frequentemente discutindo a questão dos imigrantes em solo estadunidense.

Quando trata-se da versão em língua portuguesa do romance que aqui abordamos, a tradução segue um caminho frequente, ou seja, a de textos escritos originalmente em inglês e que são, inclusive em curto espaço de tempo após sua publicação, traduzidos para outras línguas, neste caso, para o português. Berman, Venuti, Baker e Chamberlain entre outros teóricos e teóricas da tradução e cultura, apresentam alguns dos fundamentos que sustentarão os pontos a serem discutidos ao longo do presente artigo, sendo que enfocaremos centralmente o campo semântico-cultural e as escolhas linguísticas realizadas nessa esfera ao longo do processo tradutório de *Americanah*, que, ao final, nos apresenta o texto de Adichie em língua portuguesa.

Como sabemos, inúmeras trocas econômicas, culturais e comerciais vêm demandando urgência nas relações, encontros e desencontros entre diferentes povos, o que causa a ilusão de uma quase imediata quebra de barreiras entre grupos, com o estreitamento dos espaços existentes entre diferentes povos e culturas. Isso tem contribuído para ampliar consideravelmente a importância da tradução, sendo que no mundo digital, por vezes nem precisamos pedir que essa seja realizada, pois ela já se oferece como opção imediata, mesmo com alguns textos bastante entrecortados sendo ali apresentados. Ao mesmo tempo, temos ciência de que as barreiras, na maioria das vezes, continuam lá, firmes e fortes, defendendo os interesses de grupos que visam primordialmente o lucro na aproximação com o outro. Quando não forem percebidas como criadoras de consumidores em potencial, tais trocas são bem mais problematizadas. Basta que consideremos a atual onda migratória síria ocorrendo na Europa, ou dos haitianos na nossa América, para que se vejam barreiras, muros e silêncios crescendo.

Vale considerarmos que os estudos culturais propõem um olhar mais alargado sobre a tradução, ultrapassando o paradigma exclusivamente textual-linguístico. Deste modo, por essa perspectiva, a tradução deixa de ser concebida apenas como um processo interlingual, nos antigos termos de Jakobson (1999), e se torna, fundamentalmente, uma atividade intercultural ou transcultural. Nosso foco principal no presente artigo, serão os elementos derivados da tradução como processo, ou seja, o produto final, mas também as escolhas tomadas ao longo do ato tradutório, tanto os aspectos linguísticos – lexical, gramatical, estrutural – como os de ordem cultural. Essas escolhas muitas vezes nada tem de pessoal, individual, sendo o/a tradutor/a um elo ou um identificador de tensões entre uma cultura e outra, entre uma língua e outra. Nos interessa observar como as questões identitárias, no que diz respeito a gênero e raça, no caso de *Americanah*, em sua transposição da África para os

Estados Unidos, foram representadas primeiramente em inglês e, subsequentemente, em português.

TRADUÇÃO: UM PANORAMA

Segundo Berman (2002, p.16), ao longo da história das traduções é constante o desconforto representado pelo trocadilho italiano *traduttore traditore*, constituindo a fonte ou o eco de muitos “problemas” e desconfianças que assolam todo ato tradutório. Na verdade, quando tanto o/a tradutor/a quanto o público letrado em geral se deixa contaminar pela pretensão de que sua língua materna é “superior”, fica explicitada uma postura etnocêntrica, uma necessidade auto-centrada de negar aquilo que difere, indicando uma resistência ao outro, ao que é diferente de si próprio. Iniciou-se, assim, o que se pode chamar de “estatuto reprimido da tradução”, conforme atesta (BERMAN, 2002, p.16) e com isso uma série de preconceitos contra a atividade tradutória vieram à tona.

Brota daí uma descrença no agente da tradução e, conseqüentemente, no resultado final de seu trabalho. Parece-nos que a noção de fidelidade⁴ está atrelada à subjetividade daquele(a) que desempenhará o ofício de traduzir um texto de uma língua de partida para uma língua de chegada, ou, de acordo com algumas vertentes, de uma cultura primeira para uma cultura segunda. Um texto pode ser traduzido de várias maneiras, dependendo do escopo (VERMEER, 2001) que deseja alcançar e do público a que será destinado, levando-se em conta seu contexto histórico, geográfico, social, político e, sobretudo, cultural. Ou seria, sobretudo, político? Milton (1999) destaca que muitos estudos acadêmicos contemporâneos sobre tradução ressaltam a importância de uma abordagem não-etnocêntrica, ou seja, aquela que produza uma tradução que reflète elementos estilísticos, sintáticos, fonológicos e lexicais do original que nos é estranho. Este tipo de tradução pode parecer ou soar um tanto esquisita; quer dizer, soará realmente como uma tradução e não como um texto que “quase poderia” ter sido escrito originalmente na língua de chegada. Esse estranhamento, em inúmeros casos, é de ordem cultural e demarca um território de diferença que merece ser mantido.

Venuti (2002) defende que qualquer tradução necessariamente realiza, em alguma medida, um trabalho de domesticação. Uma tradução domesticadora é um poderoso instrumento de dominação, que tem como aparente finalidade a fluência do texto traduzido, a fim de causar nos leitores a ilusão de estar lendo um texto originalmente escrito na sua língua. Ao domesticar uma tradução, o/a tradutor/a promove o apagamento de várias marcas culturais do texto na língua de partida e inscreve ali as marcas culturais da língua do texto de chegada.

Em linhas similares às de Venuti, Linda Hutcheon (2011, p.199), numa discussão acerca dos contextos voltados à prática da adaptação, propõe que as adaptações transculturais implicam imprevisíveis mudanças domesticadoras. Hutcheon dá nome a este processo, cunhando-o de *indigenização*. Para ela, o contexto de recepção de uma adaptação – e entendemos que o mesmo se dá com a tradução, que sempre implica processos de adaptação, – “(...) é tão importante quanto o contexto de criação” (idem, p. 200). Logo, “A adaptação intercultural não é simplesmente uma questão de traduzir palavras” (idem, p.201). A *indigenização* pode ocorrer de maneiras diversas e tanto ampliar o escopo de entendimento do texto original, como limitá-lo. É possível, que nesse processo ocorram diversos movimentos; como Hutcheon aponta: “(1) historicizar/deshistoricizar, (2) racializar/desracializar e (3) incorporar/desincorporar” (idem, p.212). Alguns dos exemplos ao longo desse artigo

⁴ Para uma discussão sobre a noção de fidelidade na tradução ver ARROJO, Rosemary. *Oficina de Tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ed. Ática, 2000. Ver também AUBERT, Francis Henrik. *As (in)fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.

referem-se ao processo de desracialização; uma vez que também precisamos levar em conta o fato de que as referências negras a que os brasileiros recorrem para compreender determinados elementos raciais presentes numa narrativa como a de *Americanah* são diferentes daquelas dos leitores estadunidenses, por exemplo, e isso se dá, entre outros motivos, porque tivemos diferentes histórias de escravização de africanos e, após a emancipação dos escravos, movimentos de resistência também distintos.

Venuti (2002) aponta que a maioria dos projetos literários parte da cultura doméstica, onde um texto estrangeiro é selecionado para satisfazer gostos diferentes daqueles que motivaram sua composição e recepção em sua cultura de origem. Mesmo assim, a tradução tem sido concebida como uma atividade suspeita exatamente por causa do hábito milenar dos tradutores de domesticar textos estrangeiros e, com esse movimento, inevitavelmente inscrever nesses textos valores culturais próprios de certas comunidades específicas. Esse processo de inscrição ocorre em cada uma das etapas da tradução, desde a escolha do texto estrangeiro a ser traduzido, conforme interesses domésticos particulares, e, neste processo de escolha, inevitavelmente acontece a exclusão de outros textos estrangeiros.

Outra etapa tem a ver com o desenvolvimento de uma estratégia de tradução que reescreve o texto estrangeiro em discursos e dialetos da cultura de chegada, ocorrendo uma escolha de certos valores domésticos em detrimento de outros. Uma etapa seguinte diz respeito às diversas formas através das quais a tradução é publicada, revista, lida e ensinada, produzindo efeitos políticos e culturais que variam de acordo com diferentes contextos institucionais e posições sociais. Contudo, para Venuti (2002, p.129-130), “o efeito que produz as maiores conseqüências é a formação de identidades culturais, pois a tradução tem um poder enorme na construção de representações de culturas estrangeiras.” Venuti (2002, p. 130) afirma que “ao criar estereótipos, a tradução pode vincular respeito ou estigma a grupos étnicos, raciais e nacionais específicos, gerando respeito pela diferença cultural ou aversão baseada no etnocentrismo, racismo ou patriotismo.”

Contudo, se a estratégia de domesticação se encontra imbuída de questões estruturais, formais, convencionais, ideológicas, entre outras, o que dizer da estratégia de estrangeirização? Seria tal estratégia a ‘solução’ para que uma tradução seja considerada “boa”, “de qualidade”? Para Martins (2010)⁵, a estratégia de estrangeirização tem sido objeto de críticas, no que diz respeito ao aspecto formal e ideológico. Com relação ao aspecto formal, essa se apresentará inevitavelmente como “um texto truncado, pouco artístico, facilmente classificável como uma – má tradução”. Quanto ao aspecto ideológico, continua Martins, as críticas formuladas objetivam convocar “os tradutores para opor resistência à hegemonia do inglês.” Do ponto de vista de nações e línguas não-hegemônicas, tradicionalmente consumidoras de traduções, um excesso de abertura ao estrangeiro pode descaracterizar o que é nacional, “peculiar à cultura receptora, e a uma decorrente perda de identidade” (MARTINS, 2010, p.69).

Recentemente o material traduzido ou a ser traduzido tem sido abordado não apenas como um material linguístico-textual, mas sim como um material cultural dinâmico, o que demanda do tradutor uma postura mais afinada com as possibilidades de escolhas proporcionadas pelas várias leituras que o texto fonte exige. Quando observamos a tradução pelo viés cultural, logo nos vem à mente a cadeia de significados e significantes que envolve o ato: traduzir implica leitura, assim como leitura implica traduzir, interpretar, compreender o jogo de sentidos subjacentes que cada texto carrega em si; implica também encontros e confrontos com o outro, com aquele que se deixa decifrar ou que reprime a tentativa de diálogo com o desconhecido. Desta forma, podemos vislumbrar a imagem do tradutor como o

⁵ Cadernos de Letras (UFRJ) n.27 – dez. 2010 Disponível em

<http://www.lettras.ufrj.br/anglo_germanicas/cadernos/numeros/122010/textos/cl301220100marcia.pdf> Acesso em 10 jan 2012.

condutor-manipulador da cultura a ser traduzida, recheada de implicações ideológicas e opções limitadas, conforme o conhecimento linguístico-cultural que esse/a detém sobre as línguas e culturas envolvidas.

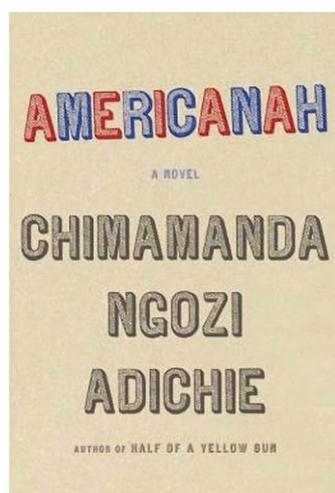
Alguns teóricos da tradução - Lefevere (2007), Aixelá, (1996), Chamberlain (1988) - tem percebido os tradutores como reescritores, exatamente pelos motivos acima citados. Além disso, segundo Pascale Casanova (2002, p. 169), a tradução é uma grande instância de consagração específica da literatura, sendo essa a via de acesso principal ao universo literário para todos os escritores “excêntricos”. Mona Baker (1999) ainda defende que a abordagem dos estudos culturais atribui à tradução o poder de transportar atitudes ideológicas, mas também de usar o processo tradutório para desafiar posturas hegemônicas frente à sociedade e à cultura – recorrendo ao que Venuti chama de estratégias estrangeirizadoras, como já mencionamos antes. Baker (1999) ainda enfatiza que a abordagem dos estudos culturais busca não apenas considerar ou dar destaques a questões culturais, “mas usar a tradução — e o seu estudo — como arma para combater o colonialismo, o racismo e outros preconceitos, como o sexual” (ibid.).

Observaremos, a partir desse ponto, alguns elementos do texto de Adichie (autora nigeriana, que escreve em inglês) e sua transposição para a língua portuguesa.

EXEMPLOS PARA SE OBSERVAR EM AMERICANAH

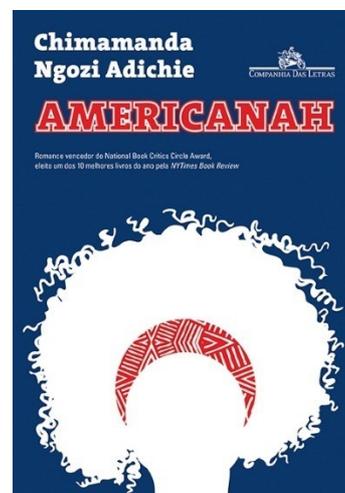
Em primeiro lugar, é importante destacar alguns elementos pré-textuais da publicação. Conforme indicamos nas imagens, a capa do original (da Editora Knopf) dá igual destaque, em termos de fonte, ao título do romance e ao nome da autora. O título do romance, no entanto, tem as cores vermelha e azul, o que remete à bandeira dos Estados Unidos. Logo abaixo do nome da autora, é feita menção a outro romance de Adichie, *Half of a Yellow Sun*, aparentemente indicando que essa obra já seria relativamente conhecida do público leitor. Na capa da tradução da Companhia das Letras, o nome da autora aparece em letras bem menores do que o título, nenhum outro livro de sua autoria sendo citado, o que provavelmente indica que essa seria uma autora nova para o público brasileiro. Na capa brasileira, o título vem acompanhado de algumas menções honrosas feitas ao romance: “Romance vencedor do National Book Critics Award, eleito um dos 10 melhores livros do ano pela *NYTimes Book Review*”, o que dá grande visibilidade comercial à obra. Algo que a edição brasileira traz, e que a faz consideravelmente diferente da estrangeira, é a ilustração que toma mais da metade da capa. Trata-se da cabeça de uma mulher sem rosto, com um cabelo afro e uma tiara vermelha. Pelo fundo da capa ser azul, a mulher aparece na cor branca (embora seja negra), o que a destaca em relação ao *background*. O cabelo da mulher tem diversos fios salientes, um *frizz* que também tem importante papel na construção da personagem Ifemelu, protagonista do romance.

Figura 1 – Capa da Editora Knopf



Fonte: Chicago Tribune⁶.

Figura 2 – Capa da Companhia das Letras



Fonte: Página da Companhia das Letras⁷.

Nas duas capas, as cores predominantes são as mesmas - vermelho, azul e branco, afinadas com a palavra *Americanah*, em ambos contextos indicando uma mescla (ou apropriação indevida) entre o que seria americano e a bandeira dos Estados Unidos da América. As contracapas já indicam maior divergência, apenas apresentando uma foto de Adichie em comum. Na contracapa da edição brasileira o texto é insistentemente apresentado como “uma história de amor”, essa expressão aparecendo por cinco vezes nas referências selecionadas de jornais e revistas literárias. Já na contracapa do original, nenhum destaque é dado ao fato de se tratar de uma história de amor, e sim, aos títulos e premiações que a autora obteve até aquele momento. Imagina-se que isso se deva ao fato de Adichie ser menos conhecida em solo nacional e a editora pretender, por isso, vendê-la como produtora de um texto envolvente, sentimental.

Quanto a alguns “estranhamentos” que percebemos ao ler a tradução, vale também uma menção mais detalhada. Apresentamos, assim, uma lista inicial:

Elementos de gênero em dissonância

TEXTO ORIGINAL	TEXTO TRADUZIDO
weak kicks (p.8)	sapatos de moça (p.15)
a precious performance! (p. 11)	uma obra afetada! (p.18)
(...) You are funny! I love how sassy you are! (p. 164)	(...) Você é <i>tão</i> engraçada! Como é atrevida! (p. 178)
(...) He would, with time, settle down properly (p. 200)	(...) Um dia se casaria com uma moça adequada (p.215)

⁶ Disponível em <http://articles.chicagotribune.com/2013-06-28/features/ct-prj-0630-americanah-chimamanda-ngozi-adichie-20130628_1_printers-row-journal-lagos-purple-hibiscus> Acesso em 07 Jan. 2016.

⁷ Disponível em <http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=13525>> Acesso em 07 Jan. 2016.

Ainda que numa rápida observação e análise, pode-se perceber duas características gerais na tradução de *Americanah*. Ela domestica bastante o texto de partida ao trazê-lo para o contexto brasileiro, a fim de evitar notas e explicações extras que dificultariam o fluxo da leitura. Essa característica da domesticação é mais forte, quase como um impulso natural, no que diz respeito ao gênero. Por exemplo, quando é dito *he would settle down* no original, poderia-se aceitar facilmente algo como – uma hora dessas ele iria aquietar-se ou estabelecer-se adequadamente. Nada é dito sobre a adequação da pessoa a ser futuramente escolhida para esposa no original, o que surge no português.

Aparentemente a tradução foi um pouco além do que o texto de partida diz, resultado da interpretação da tradutora. No penúltimo exemplo, *You are so sassy*, aparentemente perde-se a carga semântica dessa palavra tão importante para o mundo da escrita e arte afrodescendente nos Estados Unidos no momento da tradução. *Sassy* significa, de fato, atrevido, mas também provocante, tanto mental quanto sexualmente. E talvez o maior problema seja ter sido dito *I love how sassy you are* em inglês e isso ter sido traduzido por 'Como você é atrevida!' No original, há uma ironia e dubiedade, já que Laura (personagem que profere as referidas palavras) não gosta nada da qualidade de ser *sassy* em Ifemelu. Na tradução, a ironia se perde e fica explícito o desgosto de Laura por essa característica de Ifemelu, que é babá e que trabalha para sua irmã, o que no senso comum, demandaria uma conduta diferente. Ainda assim, as diferenças são sutis e são possivelmente as melhores soluções encontradas pela tradutora.

Elementos étnico-raciais em dissonância

TEXTO ORIGINAL	TEXTO TRADUZIDO
biracial babies (p.4)	(bebês) mulatos (p.11)
Are you a half-caste? (p. 22)	Você é mestiça? (p. 29)
Because I'm a half-caste (p. 56)	Porque eu sou mestiça (p.64)
mixed-race (p. 22)	Mulata (p. 29)
(...) Why was nigger' bleeped out? (p. 138)	Por que a palavra crioulo foi censurada? (p. 150)

No que se refere a aspectos ligados à temática racial, no entanto, acreditamos haver algo mais forte e ruidoso ocorrendo, que pode indicar uma domesticação cultural talvez desnecessária. Por exemplo *biracial babies* vira bebês mulatos. Realmente nunca se diria “mulatto babies” no texto de partida. Então por que não se optou por “bebês biraciais”? Ou “mestiços”? Essa questão relativa à palavra mulato/a ficou bem evidenciada em vários exemplos. Tanto *biracial* quanto *half-caste* foram termos traduzidos na maior parte das vezes, a nosso ver corretamente, como “mestiço”, mas por diversas vezes como mulato. “Mestiço” diz o que o texto de partida pretendeu, apontando a miscigenação visível e fica claro que aí se fala de alguém marcado por dois grupos sendo, no caso, parte branco, parte negro. Por que em alguns momentos surge então a palavra “mulato”?

Muito provavelmente temos aqui mais um exemplo de domesticação. Se falar em *mixed-race* ou *half-caste* é algo mais científico e aceito como politicamente correto nos EUA, aqui “mestiço” tem um tom popularmente percebido como mais negativo. Já a palavra “mulato”, tão mal visita na cultura estadunidense, por aqui é frequentemente utilizada como

sendo positivada - mesmo que saibamos o quanto essa mascarou o racismo à brasileira (basta pensar nas mulatas Sargentelli, no Carnaval com suas mulheres tipo exportação e por aí fora). Na verdade, as escolhas na tradução sempre são resultados de interpretações, que de toda forma sempre estarão atreladas a alguma ideologia. A grande parte dos tradutores tende a interpretar pelos olhos hegemônicos que influenciam fortemente a cultura local, a fim de ter mais provavelmente seu trabalho avaliado como bom ou excelente tanto pelo público quanto pela editora que os contratou.

Dissonâncias de ordem cultural

TEXTO ORIGINAL	TEXTO TRADUZIDO
She had thought of them as “big” (p. 5)	Pensava nelas como sendo “grandes” (p. 12)
You know you said ‘excited’? (p. 137)	Você sabia que falou ‘animada’? (p. 149)
You sound totally American. (p. 177)	Você parece uma americana falando. (p. 191)
“But I hear you” (p. 181)	“Mas eu entendo” (p. 195)

Nas dissonâncias que implicam questões culturais para além da raça e gênero, nos deparamos novamente com estratégias de domesticação e economia de explicações, às vezes passando por uma economia de sentido, ou por mudanças semânticas particulares. Um exemplo bem específico do desafio da tradução de termos carregados de sentido cultural é o primeiro da lista de dissonâncias culturais: a palavra *big*, que é traduzida literalmente como ‘grande’. O fato é que, embora *big*, de fato signifique ‘grande’, a palavra “grande” não é usada em nossa cultura para se referir a pessoas acima do peso, como é nos EUA, num claro intuito daqueles falantes de evitar palavras consideradas mais ofensivas, como “gordo/a”. Neste caso, percebemos uma perda semântica que causa estranhamento, embora se preserve a sensação da experiência vivida pela personagem Ifemelu, que no momento descrito na narrativa, estranha o uso do termo, que não é empregado em sua cultura natal. Um processo similar acontece na tradução da palavra *excited*. Embora a tradução do termo como animada transmita o sentido do trecho, soa culturalmente estranho que alguém use tal palavra para descrever sua impressão sobre o assunto discutido na cena narrativa, a “nova aula de mídia” (ADICHIE, 2014, p.149). Talvez a palavra ‘empolgada’ ou ‘entusiasmada’ se encaixaria melhor no contexto.

É interessante notar um outro movimento, quando nos deparamos com o exemplo *You sound totally American*; traduzido como ‘Você parece uma americana falando’. A economia de sentido na tradução deste trecho afeta também a percepção do leitor, que pode não ter um entendimento tão acurado do quanto é culturalmente bem visto soar (ou tentar soar) exatamente como um americano na cultura estadunidense. A tradução não dá ênfase à importância do sotaque (inclusive omite a palavra ‘*totally*’), o que modifica a percepção do leitor em língua portuguesa. O termo *sound*, neste contexto também se refere a nuances não somente da ordem lexical ou gramatical. “Soar americana” implica ter um tom anasalado e intonação específica que poderia diferenciar um falante canadense e um estadunidense, por exemplo. Além dessas implicações, é importante pensar no apagamento cultural que “soar americano” promove. Omitir conscientemente o sotaque vindo de sua língua materna seria resultado de uma assimilação (apagando a diferença aparente) por parte da personagem, fato que a voz narrativa problematiza mais adiante no texto.

Em *But I hear you*, traduzido como 'Mas eu entendo', temos uma ampliação de sentido. Não seria possível traduzir literalmente essa fala, isso não faria sentido em português, mas o uso da expressão *I hear you* em inglês, também não significa tanta identificação com a fala do interlocutor como expressa 'Mas eu entendo' (escolha na versão traduzida). *I hear you* se pode entender no contexto estadunidense como um respeito a falas ou opiniões as quais, de fato, alguém não entende, no sentido de compreender/concordar/perceber em sua completude, funcionando mais como uma certa permissão para que a pessoa prossiga na sua fala, sem um compromisso de concordar com ela ou respondê-la diretamente. É possível que essa escolha tenha sido feita porque em português, usamos a expressão “eu entendo”, de maneira muitas vezes gratuita; sem, de fato, compreender e ter empatia pela fala de alguém.

Percebemos e, a partir desta breve análise, reconhecemos a dificuldade de trazer para uma língua e cultura diferentes traços culturais, construídos sobre uma história, que como mencionamos anteriormente, Vermeer coloca como estritamente ligada a um contexto geográfico, cultural e político. De fato, muitas nuances se perdem no processo tradutório e *indigenizatório* de um texto. É importante, no entanto, tomar o texto fonte também como uma fonte de referências culturais, e, como mencionamos anteriormente, lidar com as nuances culturais de forma a aproximar a visão do leitor a um universo diferente do seu, de uma cultura diferente da sua, da qual se pode aprender, na qual se pode observar distintas construções de sentido, mesmo que isso nos tire, como leitores/as, de nossa zona de conforto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que a dificuldade de tratar de temáticas de raça, gênero, enfim, de uma cultura diferente num solo onde as diferenças identitárias afloram não se trata de uma dificuldade exclusiva da tradução do texto de *Americanah*, mas também atravessa a própria teia narrativa do romance *Americanah* em seu texto original. Falar abertamente a respeito de raça nos EUA é um problema que Adichie reconhece como vigente e urgente de ser direcionado, e conseqüentemente, como um assunto não resolvido⁸. No âmbito das teorias críticas de gênero, como leitores/as somos expostos/as a um contexto transnacional/transcultural, ao longo da leitura da narrativa em tela. No âmbito cultural, somos impulsionados/das a nos posicionar de maneira a questionar determinados comportamentos e costumes, tanto na cultura estadunidense ali representada, como na brasileira.

Julia Romeu, já consagrada por ter traduzido autores como Jane Austen, Charlotte Brontë e William Faulkner, é um importante nome no campo da tradução de autores clássicos e contemporâneos para a cena literária brasileira. Possivelmente, o titubear entre os termos mulato, mestiço, crioulo acima referidos se deva à novidade deste terreno linguístico-cultural, tanto para ela como para outros tradutores brasileiros: a literatura africana de língua inglesa, e também a emergente literatura de imigrantes produzida em língua inglesa, que frequentemente coloca em pauta mais de uma cultura, mais de um olhar e mais de uma perspectiva descritiva acerca dos comportamentos, indivíduos, linguagens, possibilidades de organização social, etc.

A discussão acerca do conceito de raça aos olhos da protagonista Ifemelu em *Americanah* é um terreno extremamente mais escorregadio, delicado e imprevisível do que qualquer estudante ou autora negra africana poderia suspeitar antes de viver nos Estados

⁸ A autora fala dessa questão em diversas entrevistas que podem ser encontradas no YouTube. Uma delas é a do Channel 4 News, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-n8LtRi2i8c>> Acesso em: 07 de Jan. 2016.

Unidos, ou pelo menos é essa a ideia que Adichie nos passa. Ifemelu só se conscientiza quanto às interpretações diferentes que lhe são aplicadas, devido principalmente ao seu sotaque e seu cabelo, quando deixa a Nigéria e vai para os Estados Unidos, o que fica destacado no blog que a personagem cria para tratar desse tema.

No contexto da tradução para o português de *Americanah*, talvez por termos ali uma protagonista (e uma escritora) negra africana como foco central, pelo menos na tradução para o português, foi possível apontar essas implicações da fala sobre raça, ao ser utilizado por tantas vezes o termo 'mulato' como melhor opção, aos olhos da tradutora, para o contexto brasileiro. Talvez a variedade de contextos culturais presentes na narrativa intensifique uma dificuldade de apresentar de fato a diversidade cultural, sem tentar *indigenizar* o texto traduzido e trazê-lo para mais perto de seus leitores.

Num movimento diferenciado, mostrar o diferente e desafiar o olhar do leitor para interpretar outro universo pode ser algo mais enriquecedor. Essas suposições que trazemos para o debate e que merecem maior detalhamento em futuros estudos e trabalhos, nos apontam que, ainda que domesticada, a opção da tradutora ao escolher a palavra 'mulato', por exemplo, se justificaria dentro do contexto específico, pelo menos se levarmos em conta ser essa uma opção que cabe a quem traduz. Portanto, a voz de Julia Romeu está aqui empoderada, quebrando com a velha oposição binária que Lori Chamberlain (1988, p.455) tão bem destaca em seu artigo de 1988. A autora aponta que seu interesse ali seria discutir essa oposição, especialmente quando ela é usada para marcar a diferença entre escrita e tradução - a primeira surgindo como original e 'masculina', e a segunda, derivada e 'feminina'. Chamberlain aponta nessa sua consideração a importância de se discutir a autoridade da voz que traduz, e em consonância com essa meta da autora, esperamos ter lido *Americanah* conscientes de que quem traduziu essa narrativa o fez a partir da sua cultura, seu gênero e seu grupo étnico-cultural.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda N. *Americanah*. New York: Alfred A Knopf, 2013.

_____. *Americanah*. Trad. Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

AIXELÁ, Javier Franco. Culture-Specific Items in Translation. In: ALVAREZ, Román; VIDAL, Carmen-África. *Translation, Power, Subversion*. Clevedon, Philadelphia/Adelaide: Multilingual Matters, 1996, p. 52-78.

Author Chimamanda Ngozi Adichie on love, race and hair. Channel 4 News. 2013.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-n8LtRi2i8c>. Acesso em 16 Dez, 2015.

BAKER, Mona. “Linguística e Estudos Culturais: Paradigmas Complementares ou Antagônicos nos Estudos da Tradução?” In: MARTINS, Marcia A. P. *Tradução e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro*. Trad. Maria Emília P. Chanut. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

CASANOVA, Pascale. *A república mundial das letras*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CHAMBERLAIN, LORI. Gender and the Metaphorics of Translation
Author(s): Lori Chamberlain. *Signs*, Vol. 13, No. 3 (Spring, 1988), p. 454-472.

FAULKNER, William. *Light in August*.

FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. IN: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia O. (Orgs.). *Teoria literária: abordagens e tendências contemporâneas*. 3a. Ed. Maringá: Eduem, 2009.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. Trad. André Cechinel. 2ª Ed. Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 2011.

JAKOBSON, P. “Aspectos lingüísticos da tradução”. In: *Lingüística e Comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1999.

LEFEVERE, André. *Tradução, escrita e manipulação da fama literária*. Trad. Claudia Matos Seligmann. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

MARTINS, Marcia do Amaral Peixoto. “As Contribuições de André Lefevere e Lawrence Venuti para a Teoria da Tradução”. In *Cadernos de Letras (UFRJ)* n.27 – dez. 2010.

MILTON, John. “Translating Latin America”. In: MARTINS, Márcia A. P. Tradução e multidisciplinaridade. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Trad. Laureano Pelegrin; Lucinéia Marcelino Villela; Marileide Dias Esqueda & Valéria Biondo. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2002.

VERMEER, H. J. “Skopos and Commission in Translational Action”. 1989b. In: VENUTI, L. *The Translation Studies Reader*. London & New York: Routledge. 2001. p. 221-232.

Recebido em: 20 de janeiro de 2016.

Aceito em: 30 de novembro de 2016.